

Aspectos transgeracionais, estilos parentais e maternidade: uma intervenção em grupo para a educação parental

Transgenerational aspects, parental styles and maternity: a group intervention for parental educational

Aspectos transgeneracionales, estilos paternos y maternidad: una intervención grupal para la educación paterna

Recebido: 20/04/2020 | Revisado: 28/04/2020 | Aceito: 04/05/2020 | Publicado: 12/05/2020

Ana Claudia Pinto da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2777-6023>

Universidade Franciscana, Brasil

E-mail: anaclaudiaps14@hotmail.com

Pâmela Schultz Danzmann

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1438-4856>

Universidade Franciscana, Brasil

E-mail: pamelapsicologia10@gmail.com

Paula Argemi Cassel

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2556-4067>

Universidade Franciscana, Brasil

E-mail: paula.acassel@gmail.com

Michelle Vargas Reginatto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0308-3932>

Universidade Franciscana, Brasil

E-mail: mi.reginatto@gmail.com

Josiane Lieberknecht Wathier Abaid

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5746-5349>

Universidade Franciscana, Brasil

E-mail: josianelwathier@gmail.com

Resumo

Esse artigo objetivou relatar uma experiência de um grupo de mães, no qual se analisou os aspectos transgeracionais e sua relação com os Estilos de exercício da maternidade, bem como enfatizar a relevância de cada padrão de cuidado perante o desenvolvimento infantil de seus filhos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada no Laboratório de Práticas em Psicologia de uma Universidade privada localizada em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. O grupo foi formado por cinco cuidadoras de crianças de seis a oito anos. Os encontros seguiram sessões estruturadas, baseadas em técnicas cognitivo-comportamentais e de terapia do esquema, e ocorreram semanalmente com duração de uma hora, totalizando seis encontros. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com as famílias, questionário de auto avaliação parental e auto monitoramento e um diário de campo produzido pelas pesquisadoras. Pode-se perceber, a partir da intervenção realizada, que as mães, em sua maioria, apresentaram aspectos de Estilo Autoritário no cuidado, estabelecendo normas e limites sem flexibilidade na parentalização e com pouca consideração aos sentimentos dos filhos. Concomitante a isso, relataram uma educação parental por parte de seus pais muito rígida e com pouca manifestação explícita de afeto. Outro Padrão Parental apresentado por algumas mães foi o Negligente, caracterizado por ter pouco tempo com o seu filho e não estabelecer regras para ele. Ainda, encontrou-se participantes com história de infância com alto nível de exigência e pouco afeto e agora esperam proporcionar a seus filhos uma realidade diferente da que viveram, sem limites claros e com muito afeto, caracterizado pelo Estilo Indulgente. Pode-se compreender que os Estilos Parentais estão diretamente relacionados à transgeracionalidade afetiva das cuidadoras. A intervenção possibilitou um espaço de trocas de experiências afetivas entre as cuidadoras e mostrou-se psicoeducativo para o desenvolvimento de comunicação não-violenta junto aos filhos.

Palavras-chave: Crianças; Educação em Saúde; Mães; Parentalidade; Saúde Materno Infantil.

Abstract

This article aimed to report an experience of a group of mothers, in which the transgenerational aspects and their relationship with the Styles of exercise of motherhood were analyzed, as well as emphasizing the relevance of each pattern of caring toward their offspring infant development. This is a qualitative research carried out at the Laboratory of Practices in Psychology of a private University located in a city in the interior of Rio Grande do Sul. The group was formed by five caregivers of children aged six to eight years. The

meetings followed structured sessions, based on cognitive-behavioral techniques and scheme therapy, and took place weekly for one hour, totaling six meetings. Semi-structured interviews with the families, a questionnaire of parental self-assessment and self-monitoring and a field diary produced by the researchers were used. It can be seen, from the intervention performed, that the mothers, for the most part, presented aspects of Authoritarian Style in care, establishing norms and limits without flexibility in parenting and with little regard for the children's feelings. Concomitant to this, they reported a very strict parental education from their parents and with little explicit expression of affection. Another Parental Pattern presented by some mothers was the Neglect, characterized by having little time with their child and not establishing rules for him. In addition, participants with a childhood history of high level demand and little affection were found and now hope to provide their children with a different reality from the one they lived in, without clear limits and with great affection for their children, characterized by the Indulgent Style. It can be understood that Parenting Styles are directly related to affective transgenerationality of caregivers. The intervention enabled a space for exchanging affective experiences between caregivers and proved to be psychoeducative for the development of non-violent communication with the children.

Keywords: Children; Health Education; Mothers; Parenting; Maternal and Child Health.

Resumen

Este artículo tuvo como objetivo informar la experiencia de un grupo de madres, en el que analizaron los aspectos transgeneracionales y su relación con los estilos de ejercicio de la maternidad, así como enfatizar la relevancia de cada estándar de atención antes del desarrollo infantil de sus hijos. Esta es una investigación cualitativa llevada a cabo en el Laboratorio de Prácticas en Psicología de una universidad privada ubicada en una ciudad en el interior de Rio Grande do Sul. El grupo estaba formado por cinco cuidadores de niños de seis a ocho años. Las reuniones siguieron sesiones estructuradas, basadas en técnicas cognitivo-conductuales y terapia de esquemas, y tuvieron lugar semanalmente durante una hora, totalizando seis reuniones. Se utilizaron entrevistas semiestructuradas con las familias, un cuestionario de autoevaluación y autocontrol de los padres y un diario de campo producido por los investigadores. Se puede ver, a partir de la intervención realizada, que las madres, en su mayor parte, presentaron aspectos del Esilo Autoritario en el cuidado, estableciendo normas y límites sin flexibilidad en la paternidad y con poca consideración por los sentimientos de los niños. Paralelamente a esto, informaron una educación parental muy rígida por parte de sus padres y con poca expresión explícita de afecto. Otro Patrón Parental presentado por algunas

madres fue la Negligencia, que se caracteriza por tener poco tiempo con su hijo y no establecer reglas para él. Además, se encontraron participantes con una historia infantil con un alto nivel de demanda y poco afecto y ahora esperan brindar a sus hijos una realidad diferente a la que vivieron, sin límites claros y con un gran afecto por sus hijos, caracterizados por el Estilo Indulgente. Se puede entender que los estilos de crianza están directamente relacionados con la transgeneracionalidad afectiva de los cuidadores. La intervención permitió un espacio para el intercambio de experiencias afectivas entre cuidadores y demostró ser psicoeducativa para el desarrollo de una comunicación no violenta con los niños.

Palabras clave: Niños; Educación en Salud; Madres; Crianza de los hijos; Salud Materna e Infantil.

1. Introdução

Os estilos parentais dos cuidadores podem ser definidos como um conjunto de atitudes parentais e educativas, tendo como principal função a socialização, educação e orientação frente ao afeto e aos limites que as crianças necessitam em cada fase do desenvolvimento infantil. Com isso, a forma como cada cuidador exerce sua parentalidade tende a ser variada, pois a mesma sofre influências do meio externo, através das mais diversas manifestações temporais e culturais de cada sociedade (Macana & Comim, 2016).

Nesse sentido, os estilos parentais surgem no contexto da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), por se correlacionarem às práticas educativas no âmbito familiar, promovendo repercussão no comportamento e no desenvolvimento da criança. Além da influência direta de bases genéticas herdadas na estruturação da personalidade e em tendências comportamentais e afetivas, transmissões de valores e crenças são parte do núcleo familiar, sendo os cuidadores modelos de espelhamento e identificação (Fava, Rosa, & Olivia, 2018).

O conceito de estilos parentais começou a ser explorado no século XX por Baumrind (1966), que propôs três tipos de padrões parentais, denominados de estilo autoritário, autoritativo e permissivo. Os cuidadores com um perfil autoritário agem por meio do controle intrusivo perante a criança, prevalecendo regras rígidas e punição física como forma de educação. Não há estimulação da autonomia e não aceitam as opiniões dos filhos, pois entendem que são as figuras de autoridade da família (Böing & Crepaldi, 2016).

Pais que possuem um padrão autoritativo são cuidadores que fazem exigências conforme a maturidade e responsabilidade da criança. Esses pais levam em consideração as

capacidades cognitivas e emocionais do filho. Nesse modelo prevalece o diálogo na interação entre pais e filhos, o que favorece a participação da criança nas tomadas de decisões. Além disso, é importante destacar que nesse estilo existem regras e limites claros e concisos frente à educação da criança e do adolescente (Cardoso & Veríssimo, 2013).

Pais com o estilo permissivo se baseiam em atitudes tolerantes e aceitam tudo que a criança solicitar, pois não possuem um panorama em longo prazo dos prejuízos que muitas vezes só dizer “sim” pode vir acarretar na estruturação do indivíduo. Os mesmos evitam agir de forma autoritária, então se posicionam em outro extremo, o da permissividade. Dessa forma, a criança auto regra o seu fazer, age por conta própria e dita as suas regras. Esses três estilos parentais foram os pioneiros sobre as discussões que cercam a educação dos filhos até em meados de 1980. No entanto, a datar esse momento houve a necessidade de aprimorar esse assunto que engloba o manejo e os desafios de ser pai e mãe (Fava *et al.*, 2018).

Maccoby e Martin (1983), também dedicaram seus estudos a essa temática e destacaram duas dimensões nos estilos parentais: a exigência e a responsividade daqueles que assumem a função de educar. A exigência refere-se à disponibilidade dos pais para agirem como agentes socializadores por meio de supervisão e monitoramento frente ao comportamento dos filhos. A responsividade diz respeito à sincronicidade do comportamento dos filhos e cuidadores com reciprocidade, comunicação, afetividade, apoio, reconhecimento e respeito à identidade do filho (Patias, Debon, Zanin, & Siqueira, 2018).

A partir do cruzamento dos níveis de exigência e responsividade já descritas, quatro tipos de estilos parentais são apresentados, sendo o estilo permissivo da antiga tipologia de Baumrind (1966) fragmentado em dois, indulgente e negligente. Cuidadores caracterizados como indulgentes são pais permissivos por escolhas, no qual apresentam alto nível de responsividade e baixo nível de exigência. São aqueles cuidadores que não impõem limites adequados e regras precisas, são pais tolerantes e afetivos. Os negligentes são permissivos por falhas, apresentam baixo escore na escala de exigência e responsividade, demonstram pouco interesse em oferecer assistência emocional e afetiva aos filhos (Fava *et al.*, 2018).

Os cuidadores autoritários tendem agir de forma impositiva, colocado regras, valores e punições severas com alta exigibilidade a criança e baixa responsividade. E, por fim, os pais autoritativos são aqueles que detêm de uma alta exigência e alta responsividade, é o estilo parental mais desejado cientificamente, refere-se à cuidadores que promovem um espaço de trocas no qual é viável modelar o comportamento da criança através do diálogo por meio de conselhos, regras e normas de modo com que o controle não seja opressor, mas que permaneça o afeto e a proteção dos cuidadores frente aos filhos (Macana & Comim 2016).

Dessa maneira, os estilos parentais são marcados por aspectos transgeracionais, que podem ser transmitidos a outras gerações por meio de inscrições positivas ou negativas vivenciadas durante o desenvolvimento infantil. Sabe-se que os cuidadores, muitas vezes, reproduzem o modo de cuidado que aprenderam com seus pais. Com isso, é importante destacar que esses cuidadores geralmente não possuem a dimensão de suas repercussões na educação filial. No entanto, os pais não assumem determinado estilo por desejarem, mas sim por que isso foi-lhe apresentado e ensinado em suas infâncias (Botton, Cúnico, Barcinski, & Strey, 2015).

O presente artigo justifica-se pelas dificuldades encontradas por muitos cuidadores sobre como manejar o comportamento e educar seu filho. Dessa maneira, pode ser re-pensado e re-analisado se as atitudes e as práticas educativas de fato trazem resultados positivos, bem como enfatizar os resultados negativos de práticas punitivas, falta de apoio e afeto no desenvolvimento de seus filhos.

Diante de questões teóricas e práticas como também reflexões acerca dos estilos parentais, esse estudo teve como objetivo relatar a experiência de grupo de mães quanto suas vivências, emoções, confortos e desconfortos na criação de seus filhos. Analisou-se aspectos transgeracionais envolvendo o estilo parental e manejo das cuidadoras.

2. Metodologia

2.1 Delineamento

O estudo é uma pesquisa qualitativa de delineamento transversal oriundo do projeto de extensão intitulado “Treinamento de Pais como apoio ao trabalho do psicólogo em diferentes contextos” (Abaid & Cassel, 2018).

2.2 Participantes

Participaram deste estudo, cinco mães de crianças de seis a oito anos, sendo uma mãe de criança do sexo feminino e quatro mães de criança do sexo masculino. Todas eram mães de mais de um filho, no entanto, o propósito que fundamentou o grupo foi à busca por novas formas de desenvolver a educação parental, através de alternativas de manejo parental saudáveis.

É importante salientar, que existiram questões referentes aos demais filhos, sendo crianças ou adolescentes, que foram discutidas, mas manteve-se o foco na criança que estava

sendo atendida na modalidade grupo pelo serviço. A escolha das mães surgiu por meio de um convite feito no Laboratório de Práticas em Psicologia de uma Universidade no interior do estado do Rio Grande do Sul, para aquelas cuidadoras que tinham seus filhos em atendimento psicológico.

2.3 Instrumentos

Utilizou-se um protocolo adaptado de Wainer e Wainer (2011), baseado em técnicas cognitivas comportamentais e da Terapia do Esquema. Esse protocolo era formado por oito encontros, sendo um pré e um pós-fase de intervenção e seis encontros de práticas parentais.

Entrevista semiestruturada com as famílias: Criada pelas pesquisadoras, teve como enfoque principal o mapeamento do nível de entendimento dos cuidadores sobre os aspectos que envolvem a infância no geral e aquela apresentada pelos seus filhos, bem com fazer uma retrospectiva das vivências desses pais sobre as suas próprias infâncias.

Questionário de auto avaliação parental e auto monitoramento: Construído pelos autores do projeto; composto por informações iniciais da mãe e da criança e por quatro perguntas sobre o manejo parental, incluindo pensamentos e emoções das cuidadoras, no momento de uma situação conflituosa com a criança em questão. É importante destacar que esse questionário foi aplicado na pré e pós-fase de intervenção, para que pudesse ser realizada uma avaliação sobre a efetividade das práticas.

Diário de campo pelas pesquisadoras: Produção semanal das pesquisadoras que realizavam as intervenções no grupo parental, a fim de registrar as observações, reflexões e comentários das participantes da pesquisa, para o uso individual ou coletivo dos pesquisadores. Este instrumento auxilia o pesquisador a criar um hábito de observar com atenção e relatar com exatidão os acontecimentos diários de forma sistemática e detalhada de todo os processos da pesquisa (Freitas & Pereira, 2018; Triviños, 1987).

2.4 Procedimentos e Considerações Éticas

Após a aprovação do Comitê de Ética foram realizados o convite e as entrevistas semiestruturadas com as mulheres que aceitaram participar do estudo. Os outros instrumentos de avaliação foram utilizados com a finalidade de enriquecer ainda mais o estudo, como um questionário de auto avaliação parental e auto monitoramento respondido pelas cuidadoras.

A coleta de dados ocorreu em duas fases. Na pré-fase buscou-se reconhecer o comportamento e atitudes das mães antes de fazerem parte do grupo. Após a conclusão da

intervenção os instrumentos foram reaplicados com o intuito de verificar se nesse período ocorreu alguma mudança significativa no comportamento e pensamento das mães quanto à temática do grupo.

Os seis encontros da intervenção seguiram sessões estruturadas e ocorreram semanalmente com duração de uma hora. Em cada encontro foi abordado um tema diferente, no qual as participantes traziam vivências e dificuldades que possuíam diante da atualidade. Ao final de cada encontro, era distribuída uma tarefa de casa com a finalidade de reforçar a temática trabalhada. O início do grupo se deu no mês de setembro e finalizou em novembro do ano de 2019.

Ademais este grupo fez parte do projeto de extensão intitulado “Treinamento de Pais como apoio ao trabalho do psicólogo em diferentes contextos”. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da instituição em março de 2019, sob registro do CAAE: 08975619.6.0000.5306, n. 3.224.190.

3. Resultados e Discussão

O presente artigo objetivou relatar uma experiência de um grupo de mães, quanto aos aspectos transgeracionais aos estilos de exercer a maternidade, bem como a relevância de cada padrão de cuidado perante o desenvolvimento infantil dos filhos na percepção delas.

3.1 Perfil das participantes

As participantes do grupo foram cinco mães de idades entre 28 a 42 anos. Quanto à escolaridade, quatro mães possuíam ensino médio completo e uma cuidadora ensino fundamental completo. Uma das mães exerce exclusivamente a função de dona de casa e resolveu abdicar do trabalho em função dos cuidados dos filhos e as outras quatro além de donas de casa e mães possuíam outra profissão. No que se refere ao estado civil, quatro participantes estavam casadas ou viviam com seus companheiros e uma estava divorciada. A renda familiar variou de um a dois salários mínimos. Ademais, todas as cinco mães tinham mais de um filho, utilizavam algum tipo de medicação psiquiátrica, e faziam ou já fizeram acompanhamento psicológico. É importante ressaltar, que para manter o sigilo e confidencialidade das mães, todas as integrantes do grupo serão nomeadas como participantes, e a elas será atribuído um número conforme sua inicial na ordem alfabética. Assim, por exemplo, P1 será a participante número 1 e assim sucessivamente.

3.2 Encontros

Após a aplicação de instrumentos do projeto de extensão, iniciaram-se os encontros da intervenção. A seguir, cada encontro será brevemente descrito, com os resultados relacionados aos objetivos deste artigo.

1º Encontro

A temática trabalhada na primeira sessão referia-se a “Família”, dessa forma, as mães durante o encontro mencionaram livremente suas vivências, sentimentos e principalmente as mudanças em relação ao contexto familiar a partir do momento em que seus filhos nasceram. Ao fazer este relato, foi solicitado a elas que apontassem também possíveis divergências transgeracionais no que diz respeito tanto à sua infância quanto à sua adolescência. As cinco participantes relataram que quando crianças elas podiam correr livremente, sair para visitar os amigos e até brincar na rua, uma realidade impossibilitada a seus filhos no contexto atual, principalmente pelo aumento da violência.

Entretanto, existia uma diferença entre as gerações que as estava preocupando, sobre uso excessivo e abusivo de celulares e a jogos digitais violentos na atualidade. Nesse ponto todas as mães disseram que em alguns momentos usam das punições, seja removendo o aparelho ou por meio de castigos, nos quais utilizavam ou não da punição coercitiva, como palmada ou beliscões corporais.

Os pais autoritários se caracterizam pelo modelamento de seus filhos através de regras ou normas absolutas, exige à obediência extrema, caso contrário utilizam punições e castigos com a finalidade de manter a ordem (Patias, Siqueira, & Dias, 2013). Pode-se perceber nesse primeiro encontro que as mães retrataram em sua fala alguns comportamentos que vão ao encontro do conceito abordado pelas autoras.

Ademais, cabe ressaltar também que esse comportamento punitivo pode ter sido herdado como uma aprendizagem da educação recebida pelos pais das participantes do grupo, visto que, as mesmas relataram em diversos momentos que sofreram de punição e o castigo na infância. Pode-se perceber a veracidade desse fato, pois os pais servem de espelhamento para as crianças, seus valores e crenças são adquiridos dentro do panorama familiar, uma certa identificação é estabelecida, e isso explica aspectos transgeracionais no que se refere a parentalidade (Botton *et al.*, 2015)

Ainda no que se refere às punições, mais especificamente ao abuso físico dentro do contexto familiar, estudos apontam que essas atitudes estão ligadas diretamente aos valores autoritários dentro do contexto familiar, e que as consequências podem ser negativas tanto

para criança quanto para os adolescentes expostos a qualquer tipo de agressão. Outra questão importante a ser considerada pelos autores, é que o estilo parental autoritário que utiliza a coerção como uma forma de repressão somada ao controle excessivo do comportamento dos filhos danifica a autonomia e autoestima desses indivíduos. Além disso, o medo e a ansiedade levam a obediência, mas a relação de afeto entre ambos é totalmente prejudicada (Barroso & Machado, 2016).

2º Encontro

Abordou-se a temática “Porque as crianças se comportam mal? O que é se comportar mal para as cuidadoras?”. Nesse encontro, novamente o celular foi um dos pontos mais preocupantes para as mães, que mencionaram a teimosia e o vício de seus filhos pelo aparelho e principalmente por jogos não compatíveis para suas faixas etárias. Uma das integrantes do grupo, P3 mencionou que seu filho excluiu todos os seus arquivos e isso foi um comportamento inaceitável.

Assim, a melhor maneira considerada pela mãe era o castigo sem que o filho pudesse se aproximar do celular, e dizer-lhe que sua confiança foi quebrada e para recuperá-la demoraria muito tempo. Conta que o menino constantemente perguntava-lhe se sua confiança já havia sido recuperada, e a resposta da mãe é que ainda demoraria muito tempo, é importante destacar nessa situação que uma criança não tem a mesma noção de tempo de uma pessoa adulta e com maturação cerebral formada (Siegel, 2015).

A criança, segundo Caminha (2014), é desprovida de um amplo desenvolvimento cognitivo. Por isso elas devem ser consideradas como seres extremamente emocionais. Ao se viver em um contexto que invalida os sentimentos e emoções, podem ocorrer danos como o desregulamento emocional ou uma saúde psíquica afetada. Assim, a participante relatou um comportamento de estilo parental autoritário, que de certa forma tenta punir seu filho utilizando as bases emocionais. Esse foi um momento importante para redirecionar o comportamento da mãe, salientando as mazelas futuras que essas atitudes poderiam ocasionar.

Outro ponto importante a salientar é que essa mãe comentou sobre a dificuldade que tem pra ir à pracinha com seus filhos. Segundo seu relato, muitas vezes pensou em desistir, pois quando chegava lá, seu filho queria a companhia dela para brincar nos brinquedos. Isso acabava irritando-a, porque não tinha paciência e justificava que os brinquedos eram pequenos e que não se sentia à vontade.

Por outro lado, nesse mesmo encontro outra mãe (P1) trouxe ao grupo um exemplo de comportamento daquilo que poderia-se conceituar como sendo de pais autoritativos, onde a

mesma disse ter estabelecido regras que não somente os filhos obedeciam como também o casal no papel de pais. Além disso, destacou a importância de explicar o porquê da regra e sua finalidade. O relato desta participante é amparado pela literatura, pois, se os pais se comportam dentro do estilo parental autoritativo, os seus filhos tendem a ser mais otimistas, bem como desenvolvem uma vida saudável em aspectos sociais, psicológicos e cognitivos (Lavado, 2015).

3º Encontro

Trabalhou-se com o tema “Estilos Parentais: como era o estilo dos pais das cuidadoras”. Houve uma certa dificuldade nesse encontro, pois ao retomarem vivências passadas as participantes defrontaram com estilos parentais autoritários e negligentes que fomentaram as pessoas que as mesmas se tornaram hoje. Uma das integrantes (P4) comentou que sua infância foi permeada pela ausência da mãe. Segundo ela, mesmo que ajudasse nos cuidados da mãe doente enquanto menina, não existia forma de retribuição a não ser o descontentamento pela filha. É possível perceber características do estilo parental negligente que esta participante pode ter sofrido, devido ao distanciamento afetivo, à pouca socialização e à negação das necessidades essenciais como o apoio e o afeto para o desenvolvimento saudável de sua filha (Linhares, 2016).

4º Encontro

No quarto encontro foi dada continuidade à temática “Estilos Parentais: como era o estilo dos pais das cuidadoras”. Foi aberto um espaço de escuta, devido a necessidade que as coordenadoras perceberam em relação aos sentimentos das mães, pois a temática de fato sinalizava uma infância sofrida para a maioria das cuidadoras. Logo no momento inicial do grupo, uma das mães (P3) salientou que precisava de ajuda, devido à sua impotência frente a seu filho mais velho que finalmente revelou pela primeira vez um dos motivos de sua tristeza: a falta da figura paterna.

Segundo (P3) o pai dos meninos não dava importância para seus filhos, negava seu amor, e ela sentia que uma visita ou mesmo a aproximação com esse pai seria frustrante e dolorosa, pois a necessidade do menino não condizia com a realidade que o pai poderia fornecer. A angústia dessa mãe se resumia na seguinte frase “*o que eu faço? Ele quer que o pai o ame, não quer procurá-lo, quer que ele o procure*”. Além disso, é muito importante destacar que, segundo esta participante, o pai das crianças também teve pais que eram ausentes de suas funções.

No que diz respeito à importância da presença familiar, Dadam (2011) defenderá que esse grupo será um dos responsáveis pela formação da personalidade da criança. A família deve fornecer carinho, atenção e amor de maneira a atender essas necessidades. Ainda, a ausência do pai pode indicar maior nível de estresse físico e psicossocial, principalmente se comparado com famílias onde ambas às figuras se fazem presentes. Para além da estrutura familiar, destaca-se o funcionamento familiar, principalmente de mulheres consideradas chefes de família, questões como a renda familiar, rede de apoio, vínculo entre o pai da criança e a mãe, raça ou etnia devem ser consideradas, porque tudo isso pode dimensionar a qualidade de vida familiar (Mendes, 2016).

Em razão de tudo que foi discutido, deve-se salientar a importância das figuras dos cuidadores principais para o desenvolvimento da criança, bem como as problemáticas atribuídas de falta de qualquer um destes. De acordo com, Scholz, Scremin, Bottoli e Costa (2015), é na família que são repassadas às formas de entendimento e compreensão do mundo, existe nesse contexto uma grande influência, onde formas de pensar, agir e ser são transferidas, formando o mundo interno da criança. Essa transmissão psíquica direcionada por meio da família está diretamente conectada na formação da subjetividade da criança. De acordo com a mesma autora, a formação de laços familiares e o estabelecimento de um discurso são fundamentais para um desenvolvimento psíquico saudável, de modo a considerar a criança como uma totalidade. Tudo isso independe da configuração ou ampliação familiar.

Diante do que foi trazido, outras mães começaram a relatar as falhas das funções paternas e maternas nas suas vidas. Duas das mães, P1 e P5, relataram que seus pais eram extremamente duros e insensíveis, suas relações não eram regidas pelo carinho e, muito menos, amor. Relataram inclusive seu ressentimento com a preferência que seus pais tinham por outros filhos o que se estendia até os dias atuais.

Todo esse processo de preferência ou desamor era algo muito sofrido em sua infância e adolescência. No entanto, hoje as referidas participantes contaram que já haviam elaborado melhor, e esse fato não significava mais tanto como antes. Ao fazer um paralelo com os estilos parentais referentes aos pais das cuidadoras, e as características parentais transmitidas através das gerações, podem-se fazer algumas inferências. Percebe-se que algumas mães sofreram uma educação predominantemente autoritária, e, conforme Cardoso e Veríssimo (2013), no perfil autoritário é exercido um controle excessivo, sendo os pais pouco calorosos e amorosos com seus filhos.

Em contraste, a mesma mãe que relatou o quanto os filhos necessitavam de um pai presente (P3) foi à única que teve uma infância com as funções maternas e paternas bastante

ativas durante o seu desenvolvimento infantil. Segundo ela, havia muito amor envolvido nas ambas as relações parentais e de mesmo modo nas ligações fraternas.

No que se refere à parentalidade e aspectos transgeracionais, pesquisas apontam historicamente que as mães envolvem-se muito mais nos cuidados com os filhos do que os próprios pais. Borsa e Nunes (2011) discutem as diferenças nos papéis e funções do homem e da mulher no contexto familiar. Nesse sentido, a mulher se apropria muito mais das tarefas de casa, do trabalho e dos cuidados com os filhos que o homem. Zornig (2010) defende que as relações entre pais e filhos estão intimamente ligadas com a internalização amorosa daquilo que a mãe e o pai perceberam quando crianças. Isso quer dizer que, a história transgeracional pode ser transmitida às gerações futuras, incluindo os conflitos e mazelas desse modelo, se não houver intervenção.

5° Encontro

Foi trabalhado neste quinto encontro “Crenças e esquemas cognitivos das cuidadoras maternas”. Diante de alguns imprevistos, apenas uma mãe (P4) participou do grupo nesse dia. A mãe relatou a importância do espaço, do quanto ela lutou para ter uma ajuda psicológica e do quanto ela quer aprender para ser uma cuidadora ainda melhor. Falou também da importância das filhas na vida dela e da valorização de cada momento juntas. Destacou isso dizendo “*O melhor da festa é agora*”. Algumas vezes ela foi convidada a trabalhar de carteira assinada, com um salário significativo, no entanto, não aceitou para não perder nenhum momento da infância de suas filhas.

A participante ainda relatou a diferença geracional, sua mãe, em sua palavra considerada “louca”, negava dar o carinho que a mesma tanto queria quando criança e adolescente. Agora que possui duas filhas, tenta dar o máximo de apoio familiar que lhe foi ausente, como também é excessivamente presente e muitas vezes fornecem a elas todos os brinquedos e a realidade que queria ter vivenciado em sua infância. Esse comportamento pode demonstrar um despreparo na função parental, pois no momento em que os pais querem consertar erros do passado, quando simplesmente eram filhos, podem acabar impedindo a criança de ser ela mesma, ou mesmo achando-se no direito de opinar em tudo (Dadam, 2011).

A partir desse relato do encontro, percebe-se também a divergência do estilo parental sofrido pela mãe em comparação com o estilo parental da cuidadora percebido e analisado em sua fala. Assim, salienta-se que os esquemas ou crenças estão diretamente associados com os estilos parentais. A terapia focada nos esquemas aborda uma discussão dos estilos parentais e os aspectos estruturantes da personalidade. Dessa maneira, ao seguir a linha do autor, pode-se

perceber esquemas de privação emocional, abandono, instabilidade dessa mãe, que por sua vez, privou as filhas dessa vivência (Young, 2003).

Ao mesmo tempo em que pode discutir um estilo parental negligente, no caso da mãe da cuidadora, que é caracterizado pela falta de exigência e pouca ou nenhuma demonstração de afeto, onde se busca atender as necessidades mais básicas da criança e de modo a estabelecer certo distanciamento do filho (Jorge & González, 2017).

6° Encontro

Por fim, no sexto e último encontro, em que as cinco participantes voltaram a se encontrar, deu-se continuidade à temática “Crenças e esquemas das cuidadoras”. As participantes deram ênfase na discussão do que é ser mãe na atualidade em paralelo com os seus estilos parentais. Foi percebido também mães demasiadamente autoritárias em seus discursos, onde retrataram que o tapa, o beliscão ou as conversas no banheiro resolviam qualquer conflito de imediato, ou mesmo a longo prazo.

Uma das mães (P3) relatou uma preocupação excessiva do lugar que seus filhos ocupam no mundo, de quem pode cercá-los, do que pode acontecer caso não obedeçam a suas regras. De certa forma, todas as mães possuem os mesmos medos e é natural. No entanto, existem nesse caso mais proibições de exposição de seus filhos com a realidade do que exemplos que permitam que as crianças experimentem a realidade, mesmo sendo cruel e injusta. O que foi possível visualizar é a inexistência do meio termo. Relatam estar cientes de que vivemos em outra realidade, que não condiz a realidade vivida em suas infâncias, onde podiam ser livres e brincarem no pátio de casa.

Todos esses aspectos são relevantes, se analisarmos o que Scholtz *et al.* (2011) discute, sobre a importância de uma família presente, para a criação de uma rotina e o estabelecimento da segurança. Entretanto, por diversos momentos percebe-se na fala, certa privação da liberdade e descoberta do mundo por parte dos pais. No que se refere à parentalidade positiva, é que todos os pais devem fornecer um ambiente saudável para seus filhos, e isso inclui aspectos que vão além do amor e carinho, como coerência, comunicação e diálogo (Dadam, 2011; Bettencourt, 2017). O que se percebe no relato, são mães que impõe regras e não explicam a finalidade das mesmas. Indo ao desencontro do que as autoras definem sobre manter uma boa comunicação.

Da mesma forma, os pais na atualidade tendem a acreditar erradamente que o modelo autoritário, disciplinador, com limites e horários estabelecidos, assim como experimentaram nas suas infâncias, será o suficiente como um bom modelo educativo (Dadam, 2011). Nessas

famílias parece não ser percebido que para atingir esse fim, será necessária uma vinculação positiva, baseada nos processos de reflexão daquilo que ocorreu em sua infância e daquilo que fornecem aos seus filhos. Conhecer limitações, qualidades, dificuldades e os aspectos emocionais também faz parte desse processo (Fava *et al.*, 2018).

Por fim, constatou-se que algumas mães manifestaram que o grupo auxiliou na reflexão sobre o ciclo repetitivo de práticas educativas, visto que, puderam perceber que algumas atitudes e comportamentos frente aos cuidados dos filhos foram semelhantes ao que receberam de seus pais e, conseqüentemente, de seu estilo parental.

4. Considerações Finais

O presente artigo objetivou relatar uma experiência de um grupo de mães, quanto aos aspectos transgeracionais aos estilos de exercer a maternidade, bem como a relevância de cada padrão de cuidado perante o desenvolvimento infantil dos filhos na percepção delas. O que pode ser percebido neste estudo, de forma evidente, é que a maioria das mães assumem o estilo parental autoritário, em algumas das suas ações, no dia a dia, visualizadas na imposição de regras sem justificar o porquê e castigando com severas punições caso seus filhos não as cumpram, seja ao utilizar a agressão física como uma forma de controle.

Deve-se ressaltar também, que esse comportamento tem origem cíclica, pois esses pais foram educados da mesma maneira, segundo sua percepção, no momento em que não obedeciam ao castigo e a agressão surgia com a finalidade de obediência. Por outro lado, o estilo negligente foi citado algumas vezes, onde a ausência dos pais, mesmo presente fisicamente, demarca um passado negativo e triste na vida de algumas participantes.

Com o passar dos encontros, foi notório na fala das mães que algumas de suas atitudes se encaminharam para o estilo autoritativo, pois buscavam ter mais paciência, explicar as regras estabelecidas dentro do grupo familiar, por meio da comunicação não-violenta ao invés de utilizarem o tom de voz alto, agressivo e ríspido. Além disso, a criação de normas se estendeu para toda a família e não somente para a criança, como por exemplo, não permitir que o celular fosse utilizado na hora das refeições. Essa atitude pode ter aproximado mais a família.

A desconstrução de comportamentos e pensamentos que por muito tempo mantiveram-se como verdadeiro é um processo longo. Mães que acreditam que a palmada e a punição recebida por seus pais foram o que as transformou em pessoas justas e de bem, muitas vezes podem retomar ou mesmo não acreditar fielmente que uma conversa, uma explicação, ou uma

forma de castigo branda e sem agressão podem funcionar. Para essas pessoas, se fazem necessárias discussões que estendam por mais encontros. Contudo, diante do cenário de estudo, observou-se mães que tinham o objetivo de se tornarem melhores na função materna, via-se, que buscavam por mudanças em suas falas e atitudes ditas. Muitas, devido a uma infância sofrida e um presente desgastante faziam acompanhamento psicológico e uso de medicações, justamente para que seus filhos não sofressem ou passassem por situações ruins.

Entre as limitações do estudo, destaca-se que estes dados não podem ser generalizados e dizem respeito ao número de encontros e da amostra. Finaliza-se este artigo, sugerindo que mais estudos sejam feitos com a mesma perspectiva. Sugere-se que para estudos futuros sejam realizados um número maior de encontros, já que abordar o tema de parentalidade envolve muitos aspectos da vida de um indivíduo, tanto da já vivida quando daquela que está vivendo, bem como consiga atingir um número maior de cuidadores.

Percebeu-se a importância do grupo na vida dessas mães, que tinham um lugar para fazerem trocas e buscarem soluções para dificuldades que há muito tempo não conseguiam resolver. Perceberam que não eram seres únicos com dificuldades na criação e educação dos filhos, e essa percepção obteve um resultado positivo para as mesmas. Além disso, devido o interesse das mães na continuidade do grupo, ficou combinado que para o próximo semestre o convite para dar sequência nas atividades grupais seria refeito.

Referências

Abaid, J. L.W., Cassel, P. A. (2018). Projeto de extensão “Treinamento de pais como apoio ao trabalho do psicólogo em diferentes contextos”. *Edital n. 16/2018 (PROBIC/PROBEX/PROBIT)*. Universidade Franciscana, Pró-Reitoria de Pesquisa e Relações Comunitárias.

Barroso, R. G.; & Machado, C. (2016). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade (p. 16-31). In G. A Plucienick., C. Lazzari, & M. F Chicaro (Orgs.). *Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil, parentalidade em foco*. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, São Paulo.

Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887–907.

Bettencourt, S. M. G. C. (2017). *Parentalidade Positiva Estudo sobre a percepção da importância da participação em programas de educação parental*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Psicologia da Educação. Universidade da Madeira, Funchal, Portugal.

Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: Compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, 32(59), 17-33.

Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos transgeracionais da parentalidade: o papel dos homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia argumento*, 29(64), 31-39.

Botton, A., Cúnico, S. D., Barcinski, M., & Strey, M. N. (2015). Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando famílias*, 19(2), 43-56.

Caminha, R. M. (2014). *Educar as crianças: a base de uma educação socioemocional*. Novo Hamburgo: Sinopsys.

Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise psicológica*, 31(4), 393-406.

Dadam, S. H. (2011). *Programa de orientação para a parentalidade, avaliação de sua importância e momento adequado de aplicação*. Dissertação de Mestrado. Dissertação de Mestrado em Psicologia do desenvolvimento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.

Fava, D. C., Rosa, M., & Olivia, A.D. (2018). *Orientação para Pais. O que é preciso saber para cuidar de um filho*. Belo Horizonte: Artesã.

Freitas, M., & Pereira, E. R. (2018). O diário de campo e suas possibilidades. *Quaderns de Psicologia*, 20(3), 235-244.

Jorge, E., & González, M. C. (2017). Estilos de crianza parental: una revisión teórica. *Informes Psicológicos*, 17(2), 39-66.

Lavado, A. M. M. S. (2015). *Percepção parental sobre os estilos educativos parentais e os padrões de vinculação da criança: Um estudo com mães e pais adotivos e biológicos*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Psicologia. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Linhares, M. B. M. (2016). Família e desenvolvimento na primeira infância: processos de autorregulação, resiliência e socialização de crianças pequenas (p.70-82). In G. A Plucienick., C. Lazzari, & M. F Chicaro (Orgs.). *Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil, parentalidade em foco*. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, São Paulo.

Macana, E. C., & Comom F. (2016). O papel das práticas e estilos parentais no desenvolvimento da primeira infância (p.34-47). In G. A Plucienick., C. Lazzari, & M. F Chicaro (Orgs.). *Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil, parentalidade em foco*. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, São Paulo.

Maccoby, E.E., & Martin, J. A. (1983). *Socialization in the context of the family: parent-child interaction*. In: P.H. Mussen, & E.M. Hetherington (eds.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development*. 4ª ed., New York, Wiley, p. 1-101.

Mendes, M. A. (2016). Mulheres Chefes de Família: a complexidade e ambigüidade da questão. *Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, p.1-13.

Neves, M. O. (2015). A importância da investigação qualitativa no processo de formação continuada de professores: subsídios ao exercício da docência. *Revista Fundamentos*, 2(1), p. 17-31.

Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças–Psicologia da Saúde*, 21(1), 29-40.

Patias, N. D., Debon, C., Zanin, S. C. G., & Siqueira, A. C. (2018). Como os pais têm educado seus filhos? Percepção de adolescentes sobre responsividade e exigência parental. *Psico-USF*, 23(4), 643-652.

Scholz, A. L. T., Scremin, A. L. X., Bottoli, C., & Costa, V. F. D. (2015). O exercício da parentalidade no contexto atual e o lugar da criança como protagonista. *Estudos de Psicanálise*, (44), 15-22.

Siegel, D. (2015). *O cérebro da criança: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar sua família a prosperar*. São Paulo: nVersos.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Wainer, R., & Wainer, G. (2011). Treinamento de pais para o transtorno de conduta e o transtorno desafiador de oposição (p.207-240). In M. G. Caminha, & R. Caminha et al (Orgs.), *Intervenções e Treinamento de pais na clínica infantil*. Porto Alegre: Sinopsys.

Young, J. E. (2003). *Terapia cognitiva para transtornos de personalidade: uma abordagem focada em esquemas*. Porto Alegre: Artmed.

Zornig, S. M. A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Termo psicanalítico*, 42(2), 453-470.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Ana Claudia Pinto da Silva – 30%

Pâmela Schultz Danzmann – 30%

Paula Argemi Cassel – 10%

Michelle Vargas Reginatto – 10%

Josiane Lieberknecht Wathier Abaid – 20%